



# A educação superior em Nietzsche

*Dennys Robson Girardi (FAE Centro Universitário)*

*Luís Geraldo da Silva (Centro Universitário Claretiano)*

**Resumo:** Nietzsche apresenta um modelo de educação superior baseado no modelo dos grandes mestres, cuja formação tem como finalidade a construção do super-homem. Ao propor esse modelo de educação, critica a universidade de sua época, de modo especial o modelo de redução, que forma para a especialização extrema; e o modelo de ampliação, que forma para a generalização do saber. Em ambos os casos, segundo Nietzsche, a universidade forma para mediocridade, gerando homens comuns. A educação de seu tempo não forma para a superação, com o despertar dionisíaco, da criatividade e para o surgimento do super-homem, mas para uma cultura geral, sem gênios e sábios.

**Palavras-chave:** Nietzsche, educação superior, educação aristocrática.

## Introdução

Neste trabalho procuramos escritos e correspondências de Nietzsche para compreender como o jovem professor compreendia por educação e de modo singular a educação Superior. Utilizamos para isso os primeiros escritos de Friedrich Nietzsche, pouco comentados, como as cinco conferências sobre Educação, escritas quando era professor na Basiléia. Neles o filósofo critica as instituições de seu tempo e duas tendências básicas em relação à cultura: a tendência à universalização e a tendência à especialização. Nietzsche propõe uma educação baseada no modelo dos grandes mestres, que com grandeza e genialidade elevariam a cultura da sociedade. Contra esta idéia

de elevação cultural em prol da vida existem os interesses dos negociantes, do Estado e da ciência, que vêem a educação apenas como um meio para a obtenção de seus fins. E como isto fica evidente nas universidades.

Para contextualizar, iniciamos apresentando o contexto em que Nietzsche vivia e as principais terminologias utilizadas e na sequência avançamos para os elementos específicos sobre a educação.

## 1. Metodologia

A metodologia objetiva demonstrar a forma seguida no projeto, direcionada a atingir o objetivo geral e os específicos da pesquisa. O método eleito para cada pesquisa dita o norte a ser seguido para o estudo, facilitando e organizando o trabalho.

Antonio Carlos Gil (2002) classifica as pesquisas segundo os objetivos do estudo e os procedimentos de estudo que você deve adotar. Os tipos de pesquisa são exploratória e explicativa.

A linha metodológica selecionada neste projeto engloba a pesquisa exploratória e a explicativa.

A pesquisa exploratória se enquadra perfeitamente no projeto, considerando ser o tema da Educação em Nietzsche ainda pouco explorado, o que torna o cunho exploratório da pesquisa indispensável.

Ainda na linha exploratória, os procedimentos adotados foram a pesquisa bibliográfica e documental. Os instrumentos de pesquisa utilizados serão: livros, periódicos e textos diversos.

## 2. Nietzsche e a educação

Para compreender o posicionamento de Nietzsche sobre a educação, é necessário visitar os fundamentos de sua educação para ampliar o entendimento e posteriormente concluir verificando a compreensão dele sobre a educação aristocrática.

### 2.1 *filho da crise iluminista*

O século XIX tem início em meio à crise dos ideais do Iluminismo. A razão, elevada a uma dignidade ímpar pelos iluministas, longe de alcançar para a humanidade a libertação de todas as formas de tiranias e produzir entre os homens uma sociedade

igualitária e fraterna, ocasionou, paradoxalmente, a guilhotina, os exércitos napoleônicos, o ressurgimento de tiranias sob novas e antigas formas (PECORARO, 2008). A própria razão encontra-se frente a um dilema entre o reconhecimento de sua dignidade e a aparente incapacidade de reconstruir o que fora demolido pela revolução iluminista. Diante desses acontecimentos o saber racional apresenta-se destituído de forças para redirecionar o pensamento humano, para reconduzir o seu caminhar.

Verifica-se então que o sentimento religioso desperta com novo vigor: a eficácia confortadora da religião, a beleza e a força das tradições são novamente apreciadas como via de unidade dos povos e estímulo para vida individual e social. Embora não se perca a fé no progresso humano, espera-se uma renovação da vida espiritual da humanidade, busca-se na história um sentido, a expressão de uma força superior aos indivíduos e suas vontades. Esse contexto possibilita o desenvolvimento da filosofia denominada “romântica”, que havia iniciado na Alemanha no último decênio do século XVIII.

Movimento filosófico, artístico e literário, o romantismo exerceu grande influência em toda a Europa, sobretudo no primeiro período do século XIX. O sentimento é o valor predominante na filosofia romântica, expressa por autores como Johann Wolfgang von Goethe, Friedrich von Schiller, Friedrich Hölderlin, entre outros, embora, neste caso, sentimento não signifique necessariamente algo contrário à razão (REALE, ANTISERI, 2005). No período romântico a razão desponta como “força infinita”, que habita o mundo e o transforma. Esse princípio infinito é apresentado como “liberdade”, “consciência”, “capacidade criadora incessante”. Apesar dessa base comum, o princípio infinito é interpretado de duas formas pelos filósofos românticos: a primeira o apresenta como sentimento, atividade livre, não sujeita a nenhuma determinação e que se manifesta nas atividades mais ligadas ao sentimento, como a arte e a religião. A segunda interpretação o define como razão absoluta, que se move com rigorosa necessidade de uma determinação para outra.

Para além dessas interpretações podemos citar como características elementares desse período a exaltação do Estado e da religião como dotados de valor absoluto e destinados à eternidade; o gosto pelo irracional, pelo que foge do âmbito explicativo da razão; o culto ao infinito e a celebração da arte como veículo de sua manifestação; a interpretação da história como dotada de sentido e destinada a atingir um fim harmonioso.

Em meados do século os ideais românticos começavam a perder sua força de persuasão. Não parecia aceitável crer em um princípio infinito a dar sentido, conduzir

os acontecimentos e, por conseguinte, abandona-se a crença em um estágio final da história que, por sua vez, passa a ser vista como obra das iniciativas imprevisíveis dos indivíduos. A religião, com suas doutrinas e tradições, é considerada caduca, incapaz de oferecer explicações convincentes acerca das questões existenciais ligadas ao homem e ao mundo. Desse modo, as doutrinas que surgem nessa época são de caráter cético, desprovidas do alento que se poderia encontrar na filosofia romântica. A esperança é novamente – e exclusivamente – depositada no homem e suas forças, em sua capacidade de dar guinadas no processo histórico.

Esse ambiente favorece o desenvolvimento científico e, por isso, se desenvolve e reivindica autonomia para as ciências como a física, a química e a biologia. A filologia é usada como instrumento para encontrar os fundamentos dos sistemas sociais, das normas morais e na interpretação histórica.

## 2.2 A filosofia nietzschiana

Falar do pensamento filosófico de um autor é adentrar num campo vastíssimo, onde cada novo aspecto é abertura, convite a um aprofundamento. Com Nietzsche não seria diferente. Ao longo do tempo suas obras, ora despertando entusiasmo, ora despertando repulsa, escondem mais que desvelam o pensamento do autor. Costuma-se, inclusive, dizer que a filosofia nietzschiana permanece à espera de sequazes que consigam enxergar em profundidade além das máscaras e dos sofismas que escondem o pensamento do autor.

A filosofia de Nietzsche é precisamente aquilo que menos actua, aquilo que talvez continue ainda mal compreendido e que aguarde uma compreensão mais próxima do essencial. O filósofo Nietzsche oculta-se sob o disfarce do crítico da cultura, do misterioso águere, do profeta veemente. As máscaras encobrem o essencial (FINK, 1988, p. 9).

Talvez por isso a filosofia de Nietzsche tenha recebido tantos adjetivos como *pessimista*, *exaltador do irracional*, *anti-semita* e *amoral*. Tais adjetivações, contudo, pecam ou pela relevância que dão a aspectos periféricos do pensamento nietzschiano ou por fazerem uma leitura ingênua, superficial, da complexa obra deste autor. A habilidade com que usa as palavras – em estilo poético – a paixão que transborda em tudo que escreve, a leitura que seduz pela aparente facilidade, podem deixar-nos à margem da filosofia de Nietzsche. É preciso auscultar na totalidade do que o autor escreveu o sentido último dos termos. Não tendo a preocupação de criar um sistema filosófico,

o pensamento de Nietzsche parece disperso, solto. Uma das tarefas primordiais de quem se propõe estudá-lo é encontrar o todo, o mesmo, que perpassa suas obras e que, de certa forma, permita estar a salvo do que podemos chamar “senso-comum nietzschiano”.

É preciso, pois, permanecermos atentos, de sobreaviso, para que, ao vislumbrarmos aspectos marcantes da filosofia de Nietzsche, o façamos cômicos de que eles se dão no complexo emaranhado do pensamento do autor e que estamos numa tentativa-possibilidade de nos achegarmos a ele.

Para Nietzsche, a cultura européia de sua época representava a vitória do que ele denomina “a moral dos escravos”. Tal moral – que tem para ele como maior representante o cristianismo – torna os homens medíocres, incapazes de enfrentar os aspectos tenebrosos da existência. Submissos, dóceis, tais homens – marcados pelo ressentimento – vêm com asco o corpo, a matéria, os prazeres e mutilam-se, fugindo da vida e inventando uma outra “para além”.

Em contraposição a esse modo de entender a vida, Nietzsche apresenta o homem superior, que chama “nobre”. O homem nobre é a própria encarnação da vontade de poder, aprecia a solidão como forma de adquirir o domínio de si mesmo e, ao contrário do que prega a moral dos escravos – o espírito de rebanho –, mergulha em sua singularidade e orgulha-se dela; é capaz de apreciar os prazeres do mundo e de suportar a crua verdade da existência. O homem nobre é, portanto, aquele que verdadeiramente aceita a vida e o mundo. Porém, Zarathustra anuncia que o homem – mesmo o homem nobre – deve ser superado. O homem nobre é apenas um prenúncio do que advirá.

Saúdo todos os índices da vida de uma época mais viril e mais guerreira que voltará a honrar a bravura antes de tudo. Pois essa época deverá traçar o caminho de uma época ainda mais alta e reunir a força de que esta precisará um dia – para introduzir o heroísmo no conhecimento e guerrear por causa de suas ideias e consequências. Para tanto é preciso homens valentes que preparem o terreno, homens que certamente não poderão sair do nada (...) (NIETZSCHE, 2002, p. 138).

Delegando aos homens superiores a tarefa de preparar o advento do super-homem, Nietzsche indica que o homem deve estar sempre transcendendo a si mesmo, aos limites que lhe são impostos. Encontramo-nos assim diante de um processo que deverá culminar na superação de “Deus” e do “nada”.

Com a superação de “Deus” o homem estará livre das ideias de punição, pecado, vida eterna e se tornará o doador de sentido para o mundo, responsável por determi-

nar os valores dignos de serem seguidos. E, por ser capaz de dar um novo sentido à terra, o homem se desvencilha do “nada” que a superação de “Deus” poderia trazer. Esta é a realização do super-homem que, no fundo, corresponde à criação anunciada por Zaratustra nas “três transformações do espírito”, um novo recomeçar em que o jogo lúdico da existência é acolhido em sua plenitude, numa liberdade criadora que se reconhece autônoma.

## 2.4 Nietzsche e a educação

A filosofia de Nietzsche é uma fonte riquíssima de pesquisa e reflexão sobre a educação, pois esta esteve entre seus objetos de estudo e aparece, por vezes implicitamente, no decorrer de toda a sua obra.

(...) Podemos mesmo afirmar que ele jamais abandonou sua inclinação pedagógica em toda a sua carreira intelectual, pois seja como professor da cadeira de filologia clássica, seja como filósofo solitário, ele sempre escreveu para ser lido e portanto para ensinar alguma coisa a seus leitores. Queremos dizer com isso que a dimensão propriamente pedagógica dos seus escritos não pode, sob pena de lacuna na compreensão do sentido da sua obra, ser descartada, minimizada ou deixada de lado. Nietzsche pretendeu desde o início ser um mestre e de fato o foi, não importando se ele se dirigia a todos ou a ninguém (NIETZSCHE, 2003, p. 7).

A obra é marcada pela preocupação em formar um novo homem. Tem o filósofo a intenção de educar, visível no “Assim Falou Zaratustra”. Nas “Conferências da Basileia” apresenta sua compreensão sobre a educação e critica a forma utilizada.

Na conferência “Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino”, de 1872, Nietzsche discorreu acerca das formas de ensino das instituições de seu tempo, tratando tanto da educação ginásial como da educação superior. A educação do ginásio é a mais discutida, por entender que esta formação é essencial para a construção do caráter humano.

Para ele, a educação deveria formar o jovem para ser um verdadeiro humano, pensante e não um homem comum. O homem comum volta-se à busca de bem-estar, identificado com a busca do utilitarismo, os bens financeiros e o atendimento às necessidades do mercado, vinculando-se diretamente a ele.

Segundo Nietzsche, os currículos escolares deveriam ser concebidos, por um lado, tomando como exemplo a cultura clássica, que se baseia primeiramente na afirmação da necessidade de filosofia e de arte e, quanto ao processo pedagógico, no princípio

da autoridade do homem cultivado sobre os jovens ainda imaturos e impulsivos, e por outro, com a finalidade de “tornar os homens cultos” através da razão e da reflexão, articulando íntima e diretamente “experiência” e “cultura”, uma tarefa extremamente árdua que requer certamente uma grande proximidade e uma considerável disponibilidade de tempo e de ânimo de ambas as partes do processo pedagógico (NIETZSCHE, 2003, p. 13).

Afirma que as formas utilizadas na educação mostravam-se negativas para a vida dos jovens, pois de um lado irrompe a tendência de ampliação e, de outro, a tendência à redução.

A tendência à ampliação é a tentativa de universalização de uma cultura, implantando um modelo cultural a grupos maiores e mais abrangentes. É uma visão utilitária da cultura,, dominada por critérios quantitativos. Neste modelo procura-se estender a educação à maior quantidade de pessoas possível, pois o mercado necessita delas. Assim, a educação não foca a construção do humano, mas sim as exigências do mundo do trabalho.

Além da necessidade de capacitar para o mundo do trabalho, com a lógica econômica e não no intuito de elevação cultural, Nietzsche observa grandes interesses na tendência de ampliação máxima de uma cultura. Um deles é o medo da religião opressora de outros tempos, o que gera a busca por expressões culturais contrárias aos padrões religiosos. Além disso, um item importante na ampliação da educação é o interesse que o Estado tem para a capacitação dos funcionários e dos exércitos, no intuito de preparar-se para lutar contra outros Estados.

O modelo industrial marca a forma da ampliação da educação, pois trata da produção seriada e da reprodução. A produção e reprodução dos saberes respondem às necessidades e interesses do Estado, ou de um grupo hegemônico. Essa ampliação tem a função de uniformizar ou nivelar. O nivelamento deixa todos padronizados, não favorecendo a criatividade, cria homens medíocres, sem a característica dos ruminantes (NIETZSCHE, 2001).

A tendência de redução da cultura é mais fraca que a anterior, mas é tão perversa quanto ela. Conclama a divisão das atividades em ciências e leva à especialização determinada área. Essa especialização “conduz à superficialização do espírito, ao entorpecimento do impulso crítico, emancipatório e criador” (GIACÓIA, 2005, p. 68). O cientista, ao especializar-se “...está acima do vulgus, para tudo mais, quer dizer, para tudo que é importante, não se mostra diferente deste” (NIETZSCHE, 2003, p. 64).

Com essa tendência cria-se um especialista, que conhece as menores partes de um conteúdo. Tal especialização não permite à criação de um novo horizonte e impede o surgimento do super-homem apresentado por Zaratrusta.

As tendências, de modos diferentes, vão capacitando um público medíocre, que se coloca longe da verdadeira cultura. A mediocridade se expressa no jornal.

O jornalismo é de fato a confluência das duas tendências: ampliação e redução da cultura dão aqui as mãos; o jornal substitui a cultura, e quem ainda, a título de erudito, tem pretensões à cultura, este se apoia habitualmente nesta trama de cola viscosa que cimenta as juntas de todas as formas de vida, de todas as classes sociais, de todas as artes, de todas as ciências (NIETZSCHE, 2003, p. 29).

O jornal substitui os mestres da cultura, nele os especialistas julgam e demonstram os saberes ao público. O jornal reúne o conhecimento e as tendências para a construção de uma "pseudocultura", a "barbárie cultivada" (NIETZSCHE, 2003, p. 65).

Segundo Nietzsche, a cultura universal é a "barbárie", e sua intenção oculta ou manifesta é de fato aplaudir e exaltar o que é "adequado" ao presente por causa da sua "utilidade": a cultura universal é a cultura utilitária, é a cultura da "moda" e do "lucro", é a cultura da "felicidade grosseira", a cultura enfim que prepara para uma profissão, por conseguinte, contrária à "verdadeira cultura" (NIETZSCHE, 2003, p. 64-65).

A estrutura desanimadora da educação, para Nietzsche, é percebida pelo contato com os pedagogos, caracterizada pelo péssimo trabalho desenvolvido, que mais parecem atividades pueris do que produção de saber. O autor observa que o ginásio, espaço primordial da formação, é o espaço onde abundam os péssimos profissionais, que não possuem tato, capacidade e conhecimento, para as atividades que desenvolvem, que para ele deveria ser a "mais delicada das técnicas que poderia existir numa arte, a técnica da formação cultural" (NIETZSCHE, 2003, p. 67).

Seria impossível cobrar destes profissionais uma tão grandiosa e nobre atividade, pois eles foram iniciados sem a formação da cultura superior. Assim, Nietzsche lastima a desistência da reforma da educação, iniciada no século XIX na Alemanha. A reforma defendida por Nietzsche objetiva o retorno à forma de educação da Antiguidade Clássica.

O modelo de massificação da educação faz com que surjam inúmeras instituições de ensino, sempre focadas em reproduzir a formação massificadora, gerando rebanhos. Nietzsche propõe que poucos homens têm a capacidade natural para a cultura, assim deveriam existir poucas instituições de ensino e que estas deveriam focar na formação de homens de qualidade, cultos (NIETZSCHE, 2003, p. 60-63).

Diferente do que ele realmente pensa ser o ideal, Nietzsche vê surgir inúmeras instituições, onde lecionam mestres medíocres, que acabam formando alunos medíocres. A massificação gera uma sociedade sem gênios, sem sábios. Quanto mais massificada a educação, menos indivíduos deixarão uma marca para os homens do futuro, gênios que no passado serviam como parâmetro da grandeza de cada tempo. O filósofo defende, portanto, que a educação deveria formar o homem para si, sem a necessidade de repassar conhecimento no intuito de construir erudição inútil.

## 2.5 Educação superior em Nietzsche

O autor apresenta o problema da instrumentalização da educação e tece sua crítica, apresentando a necessidade de reconstrução desta educação no sentido de colaborar para a construção do super-homem.

Em Nietzsche o modelo atual, prioriza a memorização e a repetição, não permite novas referências, mas treina habilidades que asseguram a formação do homem comum, disciplinado, que segue e obedece aos valores em curso. A educação ao igualar todos os homens faz com que a força e a criação sejam submetidas à massificação das características comuns a todos, em detrimento das singularidades. A educação como abertura e possibilidade de pensar, de criar, de tornar-se verdadeira é exceção neste modelo moderno (NIETZSCHE, 2003).

A educação moderna, em todas as suas instâncias, ao fazer com que os instintos sejam dominados e a razão colocada como guia, faz com que o homem perca sua visão crítica do mundo, suas potencialidades individuais, principalmente a de criar. Esse modelo de educação nega a vida ao voltar-se para a memorização, formatando um homem capaz de produzir na sociedade, homens comuns, passivos, que leva, conseqüentemente, a um empobrecimento da cultura (NEUKAMP, 2006).

Nietzsche, não separa educação e cultura. Para ele não existe cultura sem educação e educação sem cultura. No entanto, educação e cultura devem ser elementos de valoração da vida, onde os homens adquirem o hábito de educarem-se a si mesmos, contra si e contra a educação que lhes foi imposta.

Com boa vontade, descreverei para você quais foram as características que encontrei nos problemas da cultura e da educação, que surgem hoje de maneira tão viva e tão premente. Assim, me pareceu que se tratava de distinguir duas orientações principais: duas correntes aparentemente opostas, ambas nefastas nos seus efeitos, mas unidas enfim nos seus resultados, dominam atualmente os estabelecimentos de ensino: a

tendência à extensão, à ampliação máxima da cultura, e a tendência à redução, ao enfraquecimento da própria cultura. A cultura por diversas razões, deve ser estendida a círculos cada vez mais amplos, eis o que exige uma tendência. A outra, ao contrário, exige que a cultura abandone as suas ambições mais elevadas, mais nobres; mais sublimes; e que se ponha humildemente a serviço não importa de que outra forma de vida, do Estado, por exemplo (NIETZSCHE, 2003, p. 61).

Nietzsche observou a supremacia da cultura de massas como fonte de degradação do pensamento e da educação. A cultura era direcionada para o consumo. Deveria ser rápida, para formar o mais rápido possível pessoas para produzirem e consumirem, pois no consumo está a própria felicidade; “não se atribui ao homem senão justamente o que é preciso de cultura no interesse do lucro geral e do comércio mundial” (NIETZSCHE, 2003, p. 186).

A crítica de Nietzsche ao Estado está ligada a sua crítica à cultura e à sociedade de massa, que ele vê como homogeneizadoras e inibidoras do gênio criativo. Para Nietzsche, o Estado e a cultura de massa eram inimigos da educação. Dessa forma, o Estado incentiva a difusão da cultura unicamente para servir-se dela.

As instituições aparentemente motivadoras da cultura, em sua essência, nada entendem de cultura, agindo apenas por interesse. O homem formado nestas instituições não permite o surgimento do gênio, já que para ele a cultura é apenas utilitária e grandes homens atrapalhariam sua mediocridade.

Nesse contexto ele tece sua crítica ao modelo de filosofia ensinada no ensino superior, com esta crítica ele acena à necessidade de retornar ao modelo clássico de pensar e educar.

A educação moderna, para Nietzsche, havia substituído o autêntico ideal de educadores por uma abstração científica. As instituições superiores haviam feito da ciência algo desvinculado da própria vida, fazendo com que os eruditos, se tornassem mais interessados na ciência do que na humanidade, esquecendo que sua autêntica tarefa era de educar o homem.

Diante das questões das humanidades, a ciência se cala perdida em abstrações, transformando toda a complexidade da existência num problema conceitual de lei ou de investigação. O cientista, segundo Nietzsche, não revitaliza a vida, mas a reduz em generalizações.

O ensino superior deveria possibilitar aos sujeitos a formarem-se verdadeiros seres humanos, por meio da criação de novos hábitos que lhes permitam se desfazerem

dos hábitos adquiridos ainda nos primeiros contatos com os outros homens, ainda na infância.

Para Nietzsche, a educação tem a difícil tarefa de modificar os valores passados pela tradição e que são inculcados quando ainda são crianças.

Torna-se evidente que a função das instituições de ensino não é produzir homens técnicos, reprodutores de conhecimento, mas homens livres para exercer o pensamento. Desta forma, a educação seria o meio capaz de permitir o desenvolvimento crítico do conhecimento gerado pela sociedade. Nietzsche trata a educação em seus escritos como o meio pedagógico de “referencializar” o mundo a partir das críticas aos velhos costumes.

A educação é uma forma de pensamento crítico (uma reflexão) sobre a cultura dada ao sujeito, dos valores estabelecidos, até mesmo de Deus e do bem ou do mal. É necessário pensar novas perspectivas para a educação de maneira que ela venha a servir de alicerce para uma cultura sadia.

Nietzsche traça várias críticas ao sistema de ensino do ginásio e da universidade, por terem se voltado para a profissionalização e, apesar disso, continuarem a acreditar que são lugares destinados à cultura, quando na verdade não se distinguem muito da escola técnica em seus objetivos. Ele critica severamente a “liberdade acadêmica”, para ele, essa autonomia nada mais é do que a domesticação do aluno para torná-lo uma criatura dócil e submissa aos interesses do Estado.

Nietzsche propõe que as instituições de ensino superior se voltem para os problemas da cultura, ou seja, para as questões essenciais colocadas pela condição humana.

A educação: um sistema de meios visando a arruinar as exceções em favor da regra. A instrução: um sistema de meios visando a elevar o gosto contra a exceção, em proveito dos mediocres. Visto assim, isto parece duro; mas, de um ponto de vista econômico, é completamente racional. Pelo menos para o longo período em que uma cultura se mantém ainda com sacrifício; onde toda exceção representa um dispêndio de força (algo que desvia, seduz, torna doente, isola). Uma cultura da exceção; da experimentação, do risco, do matiz – uma cultura de estufa para as plantas excepcionais não tem direito à existência senão quando há muitas forças para que mesmo o dispêndio se torne “econômico” (NIETZSCHE, 2003, p. 227).

A educação, portanto, deveria ter a preocupação de formar homens melhores, daí a necessidade de apresentar-se como uma educação aristocrática, que forma os melhores homens, os capazes de chegar ao super-homem. Daí que essa educação é

designada como educação aristocrática, onde aristocrático “significa pertencer a uma elite, ser de uma exceção” (NIETZSCHE, 2007, p. 295).

## Considerações finais

O pensamento de Nietzsche, exposto em seu texto crítico e intenso, deixa evidente seu modo de pensar a educação, tanto é que ao perceber que a universidade estava formando homens comuns, e que nela não havia a intenção de torná-los melhores, e após dez anos exercendo o magistério, abandona sua cátedra na Universidade da Basileia e passa a viver como filósofo errante.

O modelo proposto foge ao aplicado pela sociedade atual, onde a educação se torna cada vez mais um instrumento de formação para o mundo do trabalho, gerador de cultura de massa. A educação proposta por Nietzsche visa construir o super-homem, formando-o de modo independente das demandas externas à educação. Assim, a educação defendida por Nietzsche, como superior, enseja a aplicação de uma proposta dionisíaca, criativa, não tão regrada e não voltada para um fim de uma formação cultural genérica como vemos hoje.

O autor aponta para o fato de que a educação, em sua necessidade de voltar-se a um fim (formação para uma cultura genérica), não possibilita o desenvolvimento do ser autêntico, criativo, gênio, sábio. Cria sim, de um lado o generalista, com cultura ampla e inútil, e de outro lado o especialista, com seu conhecimento específico e aprofundado sobre pequenos detalhes.

No intuito de propor a educação aristocrática, ele defende a ideia de que a educação superior forma os melhores, preparando-os para a vida, e não para a execução de algo pontual, como fazer isso ou aquilo. Assim, educar não tem fim em si mesmo, mas visa à criação e recriação, ou o despertar, na formação do homem integral, chamado por Nietzsche como super-homem.

Não queremos trazer a este espaço uma finalização, como que inúmeras conclusões, como um cerramento do trabalho, mas uma provocação, um estímulo, pois, em nosso tempo, a ampliação de instituições e cursos superiores apontam para a contínua formação de homens e mestres medíocres, na medida em que nos detemos à educação pré-formatada, definida por catálogos, parâmetro curriculares e por diretrizes curriculares. Modelos que tendem a definir um perfil de egresso, com habilidades e competências, mas que no engessamento da execução educacional, fortalecem a formação instrumental.



Este trabalho guiou-se pela intenção de compreender os conceitos filosóficos fundamentais na educação aristocrática em Nietzsche, a fim de descrevê-los e estabelecer as bases para uma discussão sobre a importância e a atualidade da concepção da educação aristocrática hoje, principalmente nas universidades que vêm se engessando e se propondo à educação instrumental. Chega ao fim, acenando para a necessidade de uma reconstrução dionisíaca da universidade, caso ela tenha a intenção de formar homens melhores, super-homens, caso não seja essa intenção, a universidade segue seu curso correto, formando para a cultura das massas.

## Referências

FINK, Eugen. **A filosofia de Nietzsche**. Trad. Joaquim Lourenço D. Peixoto. Lisboa: editorial presença, 1988.

GIACOIA Jr. **Nietzsche & Para além de bem e mal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

MENDONÇA, Samuel. Massificação humana e a educação aristocrática em Nietzsche. **ETD – Educação temática digital**. Campinas, v. 13, n. 1, p. 17-26, jul./dez. 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Trad. Márcio Pugliesi (V.T.). 3 ed. São Paulo: Ediouro. 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar a marteladas**. Tradução de Carlos Antonio Braga. São Paulo: Escala, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre educação**. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre política**. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. São Paulo: Loyola, 2007, vol. I. 360 p.

NEUKAMP, Elenilton. As críticas do professor Nietzsche à educação de seu tempo. **Seminário Nacional de filosofia e educação: Confluências** (2. : 2006 : Santa Maria, RS) Anais [recurso eletrônico] / II Seminário Nacional de Filosofia e Educação : Confluências, 27 a 29 de setembro de 2006. – Santa Maria: FACOS-UFSM, 2006. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/>>. Acessado em: 20 de outubro de 2014.

PECORARO, Rossano (org). **Os filósofos: Clássicos da filosofia**: Vol. II, de Kant a Popper. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008. 352 p.

REALE, G; ANTISERI, D. **História da filosofia**: Vol. V, do Romantismo ao Empirocentrismo. Tradução: Ivo Stomiolo, São Paulo: Paulus, 2005. 382 p. (Coleção História da Filosofia).

